



Márcia Teixeira Nogueira  
Universidade Federal do Ceará (Brasil)

**Resumo:** Este artigo relata um estudo sobre a manifestação das modalidades epistêmica e evidencial na norma oral popular da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil. O objetivo do estudo é analisar, de modo integrado, parâmetros formais, semânticos e discursivos associados ao uso de itens modalizadores epistêmicos e evidenciais em inquéritos do tipo DID, D<sub>2</sub> e EF do *corpus* da Norma Oral Popular de Fortaleza - NORPOFOR. Os resultados revelam que, quanto maior é o grau de dialogicidade dos inquéritos, mais se manifesta a modalização, que se caracteriza, sobretudo, pela presença de verbos de cognição, crença e opinião, utilizados em primeira pessoa, mas reveladores de médio a baixo comprometimento com os conteúdos que tomam como escopo.

**Palavras-chave:** modalidade, evidencialidade, norma oral popular.

### 1. Considerações iniciais

À tarefa de analisar textos orais impõem-se alguns desafios, a começar pela caracterização da língua falada como objeto de investigação. Assume-se, no presente estudo, que a distinção entre fala e escrita não pode ser feita com base em uma única propriedade linguística ou situacional, e que as distinções dicotômicas dizem respeito a propriedades estereotípicas dos textos orais e escritos (Biber 1988: 22).

Todavia, é característica determinante da construção do texto oral sua natureza dinâmica, processual e dialogal, visto que planejamento e execução ocorrem simultaneamente e na presença dos interlocutores (Hilgert 2001: 65).

Além disso, a participação direta dos interlocutores na co-produção do texto falado constitui, em menor ou maior grau, a dialogicidade típica de textos orais. Segundo Hilgert (1989: 52), *dialogicidade* é “a dinâmica da alternância de turnos na interação”. E “quanto mais intensa for essa alternância, maior será a dialogicidade da conversação”.

Com efeito, a co-produção dos textos orais imprime, na materialidade linguística, características que acentuam a natureza dialógica que está presente em todo texto. Segundo Koch (2006: 40):

No texto falado, por estarem os interlocutores co-presentes, ocorre uma interlocução ativa que implica um processo de co-autoria, refletido, na materialidade linguística, por marcas da produção verbal conjunta. (Koch 2006: 40).

Os *corpora* de textos orais seguem, em geral, padrões de interação sistematizados em três tipos de inquéritos: Diálogos entre Dois Informantes (D<sub>2</sub>), Diálogos entre Informante e Documentador (DID) e Elocuções Formais (EF). Segundo Koch (2006), esses inquéritos apresentam, na materialidade linguística dos textos, a manifestação dessa interlocução ativa, de tal modo que é empiricamente observável o fato de que eles se dispõem, nessa ordem, em uma escala decrescente de dialogicidade (D<sub>2</sub>>DID>EF).

As amostras utilizadas neste estudo encontram-se tipificadas nessas três modalidades de inquéritos e foram obtidas do *corpus* NORPOFOR - *Norma Oral Popular de Fortaleza – A língua oral popular de Fortaleza-Ce*, coordenado pela profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, da Universidade Estadual do Ceará. Em comum entre os informantes desse *corpus*, está o fato de que são fortalezenses, ou vieram para esta capital com até cinco anos de idade, têm pais cearenses, residem em Fortaleza e não estiveram fora por um período superior a dois anos. Designa-se como *norma popular* porque, ao contrário dos informantes

de bancos de dados de norma culta, os informantes desse *corpus* têm, no máximo, onze anos de escolaridade, isto é, não concluíram um curso superior.

O interesse em investigar a manifestação da modalidade em um *corpus* de norma popular oral justifica-se pela notável expressão da intersubjetividade na utilização de meios linguísticos que, de modo distinto, parece qualificar a dialogicidade típica da interação nos três tipos de inquiritos.

## 2. Modalidade epistêmica: aspectos conceituais e parâmetros de análise

O estudo da modalidade caracteriza-se pela diversidade de enfoques teóricos, bem como pela definição de parâmetros conceituais e prioridades de análise. No âmbito da Gramática Funcional (Hengeveld 1988, 1989), a investigação sobre a modalidade é feita em correlação com as camadas de constituição dos enunciados. Definem-se três tipos de modalidade: *inerente*, *objetiva (epistêmica e deôntica)* e *epistemológica (subjativa, evidencial)*, correlacionadas às camadas das frases que os modalizadores tomam como escopo.

Tomando como escopo a predicação, a modalidade epistêmica é dita *objetiva* e caracteriza-se como uma avaliação do falante sobre o estatuto de realidade de um estado-de-coisa designado na predicação, sem marcas de subjetividade que o vinculem com o que diz. Quando tem escopo na proposição, a modalidade epistêmica é dita *epistemológica* e concerne à expressão do (des)comprometimento do falante em relação à verdade do conteúdo da proposição. Nesse nível, a modalidade é subdividida em *subjativa*, quando o falante se assume como fonte da informação, e *evidencial*, quando o falante não se mostra como fonte da informação, sendo o conteúdo apresentado como inferido (*inferencial*), relatado a partir de uma outra fonte (*citativa*) ou experienciado por uma fonte qualquer (*experencial*).

Em Hengeveld (2004: 1190), na construção da Gramática Discursivo-Funcional, apresenta uma proposta de tipologia para a análise da modalidade, que utiliza dois parâmetros: *domínio de avaliação*, perspectiva a partir da qual é executada a avaliação; e *alvo de avaliação*, parte ou instância do enunciado que é modalizada.

Com respeito ao domínio de avaliação, as modalidades podem ser *facultativa*, *deôntica*, *volitiva*, *epistêmica* e *evidencial*. A modalidade *facultativa* está relacionada com capacidades intrínsecas ou adquiridas. A modalidade *deôntica* concerne ao que é legal, social e moralmente permitido. A modalidade *volitiva* está associada ao que é desejável. A modalidade *epistêmica* está relacionada com o que é conhecido sobre o mundo real. E a modalidade *evidencial* concerne à fonte da informação contida na sentença.

Com relação ao segundo parâmetro - o alvo de orientação da modalidade, Hengeveld distingue os seguintes alvos: o participante, o evento e a proposição. A modalidade *orientada-para-o-participante* afeta a parte relacional da elocução como expressa por um predicado e concerne à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a realização potencial desse evento. A modalidade *orientada-para-o-evento* afeta a descrição do evento contido dentro da elocução, isto é, a parte descritiva de uma elocução, e concerne ao acesso objetivo do estatuto de realidade do evento. Já a modalidade *orientada-para-a-proposição* afeta o conteúdo proposicional de uma elocução, isto é, a parte da elocução que representa as visões e crenças do falante, e concerne à especificação do grau de comprometimento do falante com a proposição que ele apresenta.

Levando-se em conta esses parâmetros, verifica-se que a modalidade epistêmica, isto é, a modalidade relacionada ao eixo do conhecimento, pode ser orientada-para-o-evento, quando consiste numa avaliação sobre o estatuto de realidade de um estado-de-coisas; ou orientada-para-a-proposição, quando representa a atitude, os graus de comprometimento do falante em relação ao estatuto de verdade da proposição.

A modalidade evidencial também se relaciona com o conteúdo da proposição, especificando como o falante teve conhecimento desse conteúdo, ou seja, como a informação contida em seu enunciado está vinculada a uma determinada fonte. Por essa razão, foram utilizadas, neste estudo, categorias de análise

relativas aos domínios da modalidade epistêmica e da evidencialidade na investigação dos meios linguísticos utilizados, dos tipos de fonte e natureza evidencial e dos graus de comprometimento do falante.

### 3. Análise da modalização na Norma Popular Oral de Fortaleza

Esta análise das marcas da modalização no eixo do conhecimento em inquéritos da norma oral popular da cidade de Fortaleza teve o propósito de investigar a relação entre as manifestações desses domínios e os graus de aproximação ou distanciamento do enunciador em relação ao enunciado que produz, tendo em vista o tipo de interação de que ele participa.

#### 3.1. Metodologia: *corpus* e procedimentos de análise

A presente análise descreve o funcionamento do processo de modalização em inquéritos DID, D2 e EF, da Norma Oral Popular de Fortaleza (NORPOFOR).

Foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: a) constituição e delimitação de um *corpus* de análise; b) identificação, descrição e análise das ocorrências; c) análise quantitativa, para a verificação de frequência e cruzamento de categorias, com o programa computacional SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), um dos programas de análise estatística mais usados nas ciências sociais; d) análise qualitativa, com a interpretação dos resultados; e) sistematização dos resultados.

Foi utilizada uma pequena amostra constituída com um inquérito de cada tipo, cada um deles com 60 minutos de gravação.

As ocorrências analisadas consistiram em contextos de uso de itens de modalização epistêmica e evidencial. Modalidade epistêmica e evidencialidade, mesmo pertencendo a domínios distintos, dizem respeito ao eixo do conhecimento. A modalidade concerne à qualificação do enunciado quanto ao conhecimento que o falante tem de situações possíveis e quanto ao (des)comprometimento deste em relação ao que diz; enquanto a evidencialidade liga-se à indicação da fonte da informação contida no enunciado. Quanto às categorias de análise, a decisão de se observar propriedades relativas à modalidade epistêmica e à evidencialidade foi motivada pelo propósito de interpretar-se os efeitos produzidos pelos recursos linguísticos que, no uso efetivo da língua, são compartilhados por esses domínios que, direta ou indiretamente, refletem um maior ou menor grau de engajamento do falante com o que é dito. São, portanto, parâmetros de análise: a) meios linguísticos: verbos modais (*dever, poder*); verbos de significação plena, indicadores de opinião, crença, saber, percepção, elocução (*achar, crer, pensar, saber, perceber, dizer*); advérbios modais (*provavelmente, possivelmente, talvez*); adjetivos em posição predicativa (*é provável, é possível, é claro*); substantivos (*opinião, certeza, dúvida*); b) tipo de fonte evidencial: o enunciador, fonte externa definida, fonte externa indefinida e domínio comum; c) natureza evidencial: subjetiva, inferencial, experiencial e reportada; d) graus de comprometimento do falante: alto, médio e baixo. Com a apresentação e discussão dos resultados, feitas a seguir, esses parâmetros serão ilustrados.

### 3.2. Resultados. Análise e Discussão

#### 3.2.1. Manifestação da modalidade

Observou-se que a manifestação da modalidade é mais frequente nos inquéritos do tipo Diálogo entre Dois Informantes – D<sub>2</sub> (39,7%). Como já se disse, a dialogicidade consiste na dinâmica da alternância de turnos na interação e, quanto mais intensa for essa alternância, maior será a dialogicidade da conversação (Hilgert 1989: 52). Os inquéritos do tipo D<sub>2</sub> revelam maior alternância de turnos e, portanto, maior dialogicidade, o que justifica a presença de mais marcas de manifestação da modalidade como expressão da intersubjetividade dos participantes da interação.

Os resultados também confirmam a hipótese de que os inquéritos analisados revelam, na sua materialidade, a manifestação de uma interlocução ativa em relação direta com o grau de dialogicidade.

Assim, a frequência de uso de modalizadores epistêmicos e evidenciais é tanto maior quanto maior for o grau de dialogicidade dos inquéritos. Nos inquéritos do tipo D<sub>2</sub>, é constitutiva a alternância de turnos que revela uma co-produção discursiva. Como o objetivo da constituição dos inquéritos do tipo Diálogo entre Dois Informantes (DID) é a recolha de amostra da fala de um informante, embora ocorra, não é frequente que o documentador participe como interlocutor ativo, o que resulta em um menor grau de dialogicidade. Já os inquéritos do tipo Elocução Formal (EF) são tipicamente caracterizados como uma situação formal de fala de uma pessoa que permanece, por quase todo o tempo de interação, com a posse do turno, registrando-se poucas oportunidades de intervenção dos ouvintes. Dos três inquéritos analisados, este é o que exhibe um menor grau de dialogicidade. E a análise da frequência de uso dos modalizadores nos três inquéritos revelou que ela é diretamente proporcional ao grau de dialogicidade dos inquéritos (D<sub>2</sub>>DID>EF).

### 3.2.2. Meios linguísticos de modalização epistêmica e evidencial

A modalidade é expressa por diferentes meios linguísticos. Segundo Neves (1996), a modalidade se manifesta por meio de verbos modais (*dever, poder*); verbos de significação plena, indicadores de opinião, crença e saber (*achar, crer, pensar, saber*); advérbios modais (*provavelmente, possivelmente, talvez*); adjetivos em posição predicativa (*é provável, é possível, é claro*); substantivos (*opinião, certeza, dúvida*); categorias gramaticais do verbo da predicação (*tempo, aspecto e modo*); expedientes sintáticos, como a unipessoalização, que, alternando-se com orações na primeira pessoa, minimizam a participação do falante; ou, contrariamente, a intercalação de orações em primeira pessoa; modalizadores prosódicos (a entoação e outros componentes ligados à voz). Os dois últimos meios dessa relação não foram analisados neste estudo.

A evidencialidade se manifesta, em língua portuguesa, sobretudo por meios lexicais, tais como itens verbais de cognição (*pensar, supor, lembrar*), de percepção (*perceber, ver, sentir, ouvir*) e de elocução (*dizer, afirmar, declarar*). Preposições e locuções prepositivas são também utilizadas, principalmente na indicação de fonte de terceira pessoa (*para, de acordo com, segundo*).

Na análise das ocorrências, verificou-se que o meio linguístico mais utilizado para manifestação da modalidade nos inquéritos da norma oral popular de Fortaleza foi o verbo pleno, encaixador de conteúdos epistêmicos (69%). Esses verbos designam, em geral, cognição, crença, opinião (*pensar, entender, imaginar, achar, pensar...*), como ilustram os exemplos a seguir.

- (1) Inf: ele veio e fez isso... eu achei uma coisa muito errada... e eu não fui mais morar com ele... eu tô in morando com a amiga da minha mãe... sabe? (...) ela se preocupa muito... sabe...eu acho que ela tá se acabando... da preocupação... ela é uma pessoa assim... muito preocupada... (...) (DID-36).
- (2) eu hoje eu vejo aqui os menino com a quinta série a gente pergunta uma coisa eles não sabem o que é:: (...) (D2-106)

Verbos auxiliares como *poder* também são muito utilizados. Esses usos caracterizam a modalidade epistêmica dita *objetiva*, que consiste numa avaliação do falante sobre o estatuto de realidade de um estado-de-coisa designado na predicação.

O uso de verbos auxiliares modais como *poder* pode indicar valores de capacidade (*modalidade facultativa*) e permissão (*modalidade deontica*). Neste estudo, foram identificadas como ocorrências para a análise apenas os casos em que, no contexto, foi possível interpretar o uso epistêmico desse verbo como uma avaliação que o falante faz sobre a possibilidade de um estado-de-coisas vir a ocorrer, como ilustram os exemplos (3) e (4):

- (3) é ]:: taí eu sou uma pessoa tão certa... eu posso entrar dentro da sua casa.... eu posso ver tudo... eu posso ver uma mesa cheia de ouro... eu posso ver... posso ver tudo... ( ) eu não tenho coragem... de tirar NAda ... assim... nem um cordão... nem um relógio.... eu num tiro nada... eu sou uma pessoa .... assim... uma pessoa de confiança ... (DID-36)

- (4) (...) pra mim conseguir um emprego... pra puder conseguir uma coisa melhor pra mim... porque eu acho... que um dia... eu posso.. pra deus nada é impossível...né.. um dia eu posso melhorar de vida... posso ter a minha casa... posso ter minha família... posso construir uma família honesta... ter uma família boa posso ser um pai... pai de família... ter meu filho... ter minha mulher... né... eu posso muito bem... um dia na minha vida... eu posso (DID-36)

Conforme se depreende da interpretação das ocorrências em (3) e (4), o falante coloca-se em seu discurso, construindo-o na perspectiva de suas aspirações, isto é, no terreno de especulações e desejos acerca de realidades futuras que ele avalia como prováveis ou possíveis em sua vida. Não se trata, portanto, da referência a capacidades ou permissões, mas de uma modalização no eixo do conhecimento, interpretação que pode ser corroborada pelo emprego do verbo encaixador de opinião utilizado na primeira pessoa (*Eu acho...*) e pela atribuição da capacidade de instaurar realidades desejadas pelo informante a uma força superior (*pra deus nada é impossível...*).

### 3.2.3. Tipo de fonte evidencial

Em Hengeveld (1988, 1989), a modalidade epistemológica se subdivide em *subjativa*, quando o falante se assume como fonte da informação, e *evidencial*, quando o falante não se mostra como fonte da informação.

Com o propósito de não analisar a distinção entre os domínios da modalidade epistêmica e da evidencialidade conforme essa dicotomia entre o falante e uma outra fonte diferente dele, foram distinguidos casos em que o falante se apresenta como fonte única do que é dito, quando um conteúdo é produto de uma inferência sua a partir de uma evidência externa (fonte enunciador). O falante pode, porém, vincular o que é dito a uma terceira pessoa especificada (fonte externa definida) ou não no contexto (fonte externa indefinida), ou indicar que tal conteúdo é amplamente compartilhado pelo falante e toda a coletividade a que ele pertence (fonte domínio comum). Desse modo, como já vem sendo feito por Lucena (2008), Carioca (2009), foram analisadas as ocorrências em que esse parâmetro se aplica, quanto a três tipos de fonte: o enunciador, fonte externa definida, fonte externa indefinida e domínio comum.

A análise dos dados revelou que o enunciador aparece como fonte evidencial a que se vinculam, mais frequentemente, os conteúdos asseverados. Cumpre dizer que não são casos que podem ser vistos como não-marcados, em que, por não haver uma indicação da fonte, esta é entendida como sendo o enunciador. Foram analisadas como indiciadoras de fonte enunciador as ocorrências em que havia, no contexto de uso, marcas pronominais ou desinenciais de primeira pessoa, tal como ilustra o exemplo a seguir.

- (5) não vale muito a pena mais eu penso que pra mim e W. já tamos com setenta e tantos anos aí::: (D2-106)

A interação mediada pela fala, em conversações como as que integram o inquérito do tipo D<sub>2</sub>, propicia a manifestação da subjetividade do enunciador, uma maior introjeção de sua identidade nos enunciados por meio de recursos linguísticos, entre os quais se destacam os itens e construções modalizadoras e evidenciais.

Casos em que o enunciador apresenta a informação contida no enunciado como resultado de uma inferência sua ilustram a necessidade de distinguir-se fonte e natureza evidenciais como dois parâmetros que se combinam de modo estratégico no discurso.

- (6) e ele... e ele é o tipo que da pessoa... é assim... ele tava trabalhando na ótica... aí parece que houve não sei o quê lá com ele... sabe... o patrão... desentendeu lá com ele... sabe? (...) (DID-36)

Em (6), embora reconheçamos como fonte o enunciador, a natureza evidencial não é subjetiva, mas inferencial, o que repercute no grau de engajamento dele com a informação.

### 3.2.4. Natureza evidencial

A natureza evidencial diz respeito à qualificação do enunciado quanto ao modo de obtenção de seu conteúdo, isto é, como o falante demonstra que teve conhecimento da informação contida em seu enunciado. Em geral, quando o enunciador é a fonte, ele pode apresentar o conteúdo do enunciado como uma crença ou opinião sua (*natureza subjetiva*), uma inferência produzida por ele com base em alguma evidência externa (*natureza inferencial*), uma experiência de percepção sensorial (*experencial*). Quando o falante indica outra fonte, a informação foi obtida através de um relato (*natureza reportada*). No entanto, na construção efetiva do discurso, essa relação entre tipo de fonte e natureza evidencial não é necessária e invariante.

Como já se previa, a natureza da experiência evidencial nos inquéritos da norma oral popular da cidade de Fortaleza é mais frequentemente subjetiva (82,5%). Por meio desse tipo de qualificação, o falante apresenta-se como fonte de uma opinião ou crença, tal como ilustra o exemplo (7).

(7) mas ninguém não entende eu pelo menos não entendo a letra dele:: e eu acho que se mandar ele fazer um bilhete ele não sabe fazer:: (D2-106)

Em (7), o falante sustenta o conteúdo do enunciado como uma opinião sua a respeito de um provável desempenho dos jovens “de hoje” em uma eventual tarefa.

Já em (8), a seguir, o falante refere-se a uma experiência que teve por meio da qual ele sustenta o conteúdo asseverado.

(8) (...) eu sei que falar errado até o presidente erra porque vejo num dia desse eu vi ele falar errado ((risos)) (...) eu não tô bem certo qual foi a palavra qu'ele disse mas ele falou errado e todo o mundo e as pessoa começaram a rir que tavam mais ele começaram a rir e ele foi pediu desculpas (D2-106)

Em (9), comprova-se, mais efetivamente, que a relação entre o tipo de fonte e a natureza evidencial não é direta e necessária. Os verbos de naturezas subjetiva, inferencial e experencial, que frequentemente se combinam com a primeira pessoa (fonte enunciador), são utilizados com uma fonte evidencial de terceira pessoa definida.

(9) é:: a polícia já sabe... sabe... por exemplo... se eu comprar um guarda-roupa da feira dos malandro... aí a polícia... quando ela passa na viatura... aí ela vê que é a feira dos malandro... aí diz assim... aquele cabra ali aquele caboclo ali... tá comprando aquele móvel ali... aquele guarda-roupa ali... qualquer coisa... que eu sei que aquel/ali é roubo... eu vou já descobrir onde é a casa dele... aí eu pego... levo... sabe... aí a polícia... vê que eu tô levando aquele objeto... aí chega lá... na minha casa.. aí PÁ PÁ PÁ (DID-36)

Em (9), o falante apresenta alguns conteúdos como informações conhecidas pela polícia, por meio de discurso indireto (*é:: a polícia já sabe... sabe... por exemplo...*), e de discurso direto (*aí a polícia.(...) aí diz assim aí diz assim... aquele cabra ali aquele caboclo ali... tá comprando aquele móvel ali... aquele guarda-roupa ali... qualquer coisa... que eu sei que aquel/ali é roubo...*). Apresenta, ainda, como inferências ou experiências de uma terceira pessoa, conteúdos proposicionais asseverados (*aí ela vê que é a feira dos malandro.. /...aí a polícia... vê que eu tô levando aquele objeto...*).

### 3.2.5. Nível de comprometimento

Na análise dos níveis de comprometimento do falante com os conteúdos de seus enunciados, foram observadas, na materialidade linguística dos contextos, a relação entre esses conteúdos e as indicações de suas fontes e graus de certeza com que são ditos. Portanto, quando o falante identifica-se como fonte de um conteúdo asseverado, nem sempre se percebe um nível de alto comprometimento com esse conteúdo.

Pesquisas em *corpora* de textos orais (Marino Neto 2006; Nogueira 2007) revelam que, embora sejam frequentes as manifestações de modalização epistêmica subjetiva, essas manifestações não se fazem no terreno da certeza, do alto comprometimento com aquilo que diz. Predominam, nos inquéritos analisados,

os efeitos de médio (40,5%) e baixo (38,1%) comprometimento do enunciador em relação aos conteúdos veiculados, mediante o uso de verbos indicadores de opinião, crença ou cognição, presentes, muitas vezes, em frases negativas, como se ilustra em (10).

(10) por isso que tá difícil o aprendiz de hoje é por isso:: não tem:: sei lá:: não sei se é responsabilidade dos professores sei não sei nem dizer (D2-9/36)

O baixo comprometimento do falante também se revela na indicação de fonte de terceira pessoa indefinida, tal como ocorre em (11).

(11) Inf: não... ele já teve entrada na polícia... já ele... no interior...teve muitas entrada na polícia...disse que era perigoso sabe?

Doc2: ah:::... ele era perigoso?

Inf: diz o povo... né? eu num sei não...(DID-36)

Em (11), o falante modaliza a informação de que o referente discursivo já “teve entradas na polícia”, ao qualificá-la como uma informação amplamente compartilhada. Essa informação que, a princípio, nos parece ser de domínio comum, assume natureza de uma fonte indefinida (*o povo*), quando o falante se exime da responsabilidade pelo dito, ou seja, da condição de fonte do conteúdo afirmado (*diz o povo... né? eu num sei não...*).

#### 4. Considerações finais

Este estudo, inserido em uma pesquisa mais ampla sobre a modalização na norma oral popular de Fortaleza, buscou colocar em relevo a relação entre as manifestações da modalidade epistêmica e da evidencialidade e os graus de aproximação ou distanciamento do enunciador em relação aos enunciados que produz a partir da manipulação de recursos expressivos da língua.

Os resultados revelam que as marcas de modalização epistêmica e evidencial estão mais presentes nos inquéritos do tipo Diálogo entre Dois Informantes, o que nos parece justificável pelo grau de dialogicidade do tipo de interação que nele se estabelece. Os meios mais utilizados são os verbos encaixadores de conteúdos epistêmicos, que designam, em geral, cognição, crença, opinião, sobretudo em primeira pessoa (fonte enunciador), com natureza predominantemente subjetiva, mas imprimindo médio a baixo nível de engajamento e certeza.

Palmer (1986: 16) define a modalidade como a gramaticalização das atitudes e opiniões (subjetivas) do falante. Para o autor, duas propriedades estão relacionadas à modalidade: a subjetividade e a não-factualidade. Segundo o autor, a modalidade diz respeito às características subjetivas de um enunciado, sugerindo que a subjetividade é um critério essencial para a modalidade. Esta análise de textos concretos de enunciação nos três tipos de inquéritos (DID, D<sub>2</sub> e EF) permitiu a observação de que, se a subjetividade tem sido tomada como propriedade definidora da modalidade, sendo esta uma categoria de manifestação da subjetividade na língua, é nos textos orais de natureza dialogal que a intersubjetividade se revela mais efetivamente, por meio de expressões modais, na produção dos sentidos.

#### Referências bibliográficas

- Biber, Douglas. 1988. *Variation across speech and writing*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Carioca, Cláudia R. 2009. *A evidencialidade em textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Ceará.
- Hengeveld, Kees. 1988. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. *Journal of semantics*, 6: 227-269.
- \_\_\_\_\_. 1989. Layer and Operators in Functional Grammar. *Journal of linguistic*, 25: 127-157.
- \_\_\_\_\_. 2004. Mood and modality. Em: Booij, G.; Lehmann, C.; Mugdan, J. (ed.). *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. Berlin, Mouton de Gruyter: 1190-1202.
- Hilgert, J. G. 1989. *A paráfrase - um procedimento de constituição do diálogo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 2001. A qualificação discursiva no texto falado. Em: Urbano, Hudinilson *et al.* (orgs.). *Dino Preti e seus temas*. São Paulo, Cortez: 62-84.

- Koch, Ingedore G.V. 2006. Especificidades do texto falado. Em: Jubran, C. C. A. S, Koch, I. G. V. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas-SP, Editora da Unicamp: 39-46.
- Lucena, Izabel L. 2008. *A expressão da evidencialidade no discurso político: uma análise da oratória política da Assembléia Legislativa do Ceará*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Marino Neto, Francisco. 2006. *A manifestação da modalidade epistêmica em narrativas orais*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Neves, Maria Helena M. 1996. A modalidade, em Koch, Ingedore G. V. (org.). *Gramática do português falado VI - Desenvolvimentos*. Campinas-SP, Editora da UNICAMP/FAPESP: 163-199.
- Nogueira, Márcia T. 2007. A manifestação da modalidade, in *Estudos linguísticos de orientação funcionalista*. Fortaleza-CE, Edições UFC/GEF.
- Palmer, F. R. 1986. *Mood and Modality*. Cambridge, Cambridge University Press.